

Antónia Sérgio

SALAZAR

«Falta aqui, dizia Eça na «Correspondência de Fradique», uma atmosfera intelectual onde a alma respire. Depois certas feições, simplesmente repugnantes, dominam. Lisboa é uma cidade aliterada, afastada, catita e conselheiral. Há literatura na simples maneira com que um caixeiro vende um metro de fita, e, mas próprias graças com que uma senhora recebe, transparece fadistice: mesmo na arte há conselheirismo; e há catitismo mesmo nos cemitérios. Mas a náusea suprema vem da politiquice e dos politiquelros».

Ao que deveria acrescentar-se:—e dos filosofistas.

O filosofismo é entre nós uma chaga. «Um filosofismo mole, retórico, verboso e enfático, sentimentalote, chorocho ou teatral ou tonitroante, caudaloso, bombástico; um filosofismo em que o pensamento se dilue, se liquefaz, ou em que a ideia pobre é abafada em imagens, alegorias, lugares-comuns; um filosofismo lírico, um filosofismo conselheiral, catita ou pires, doutoral ou colimbrão, sempre provinciano, em geitos de retórica de café ou de farmácia, entrecortado com desamparados bocejos de indolência mental e ceticismo pegajoso, num aluir de mentalidades dierrancadas no xaroposo marasmo da nossa mística fatalista» (O Trabalho, n.º 200). Por fim e não menos provinciano, um filosofismo sofista, erístico, pretensioso e estéril, doutoralmente pedantêsco, catedrático como Mr. Jourdain era prosador, mesclado com um apostolado de poisinhos chochas, de idelassinhas abraçabradantes, esta-paifúrdias, salada paradoxal em que o apostolado e o espírito crítico jogam as turras, sem disso se aperceberem:—um dos mais completos exemplos de inépcia filosofista que se pode imaginar.

Este é o filosofismo do sr. Sérgio, parte integrante do «Bluff»-Sérgio: — e é este que, por seu turno, é um símbolo.

2.º-O Sr. Sérgio é um plagiador

As laboriosas futilidades, as chinezices dialéticas, a sofística bizantina e a erística pueril, é o tecido habitual das coisas do sr. Sérgio. Mas tudo isto é combinado com numerosos plágios, disfarçados ou descarados, que servem

habitualmente de alimento ao sr. Sérgio.

Seria fastidiosa tarefa desatar a meada de todo este crochet bizantino, tecido de sofismas e de plágios: para o que seriam precisos tantos volumes quantos aqueles que, graças a tais habilidades, o sr. Sérgio tem produzido. Limitemo-nos, pois, a alguns exemplos típicos.

Produziu e publicou recentemente o sr. Sérgio pretensioso e vazio «estudo filosófico», a que deu o pomposo nome de «Cartesianismo ideal e Cartesianismo real». Ai, com as habituais medidas e tagatês, chinezices e futilidades, o sr. Sérgio limita-se, apenas, a desenvolver e glosar, à sua maneira, uma tese conhecida de um autor francês.

Sua Excelência, porém, não cita nem sequer se refere ao autor que escandalosamente plagia: pegou-lhe na tese e chama-lhe descaradamente sua. Insistentemente repete: «aquilo a que eu chamo cartesianismo ideal».

Ora, tudo isto, como dissemos, é plagiado de Brunschwig: «La Pensée intuitive chez Descartes et les Cartésiens». E' tudes sur Descartes, pag. 9.

Um cartesianisme de droit, qui se concentre dans le mouvement spirituel de l'intuition; un cartésianisme de fait qui, loin d'éliminer la donnée sensible, se heurte perpétuellement à l'échec de son rêve, à la résistance invincible que rencontre l'Unité de l'univers et même de Dieu».

Tal é a tese que o sr. Sérgio glosa na sua conferência, sem nos dizer onde a encontrou nem dela sequer citar o autor.

«Aquilo a que eu chamo cartesianismo ideal... cartesianismo de direito, por assim dizer...» assim, manhosamente, o sr. Sérgio se vai apropriando dos termos e da tese alheia, a que ele chama, insistentemente, «suas».

Basta de resto comparar a prosa do sr. Sérgio com o artigo de Friedmann, aparecido na «Europe», quasi ao mesmo tempo que a conferência (1), intitulado «Un prince des temps modernes», sobretudo da página 301 e seguintes, para ver que o sr. Sérgio e Friedmann desenvolveram as mesmas ideias de Brunschwig, com a diferença capital que Friedmann transcreve o texto glosado e cita o autor, enquanto o sr. Sérgio se cala a tal respeito como um rato, fazendo sua a tese de Brunschwig.

Da conferência do sr. Sérgio são apenas originais as bizantinices sobre vulgarização e a chinezice final das últimas páginas, aquilo a que o nosso plagiador chama «a sua equação filosófica».

Seria curioso exemplo de «filosofismo» pôr aqui em confronto as bizantinices do sr. Sérgio com o texto de Friedmann, para ver a diferença existente entre as maneiras de tratar o mesmo assunto: simplesmente pelo momento apenas queremos focar o miserável plágio.

—Mas eis que já o nosso filosofista, gemebundo, exclama: «Ai de mim! Valha-nos Deus! Eu que

(1) O artigo de Friedmann é de 15 de Julho, a conferência de 10 de Julho.

lhes-hei-de fazer? Poi não vêem, meus jovens amigos, que tudo isto tem uma explicaçãozinha muito simples, quasi muito simples, e vem a ser que les beaux esprits se rencontrent...?

//

Mas há mais, e muito melhor. Como o concorda a história, o caso seguinte, no género, é perfeitíssimo.

Nas «Palavras a A. Salazar», («Seara», n.º 515, p. 217) diz o sr. Sérgio:

«E depois? Pode haver nada mais estrambótico (sic) do que indicar-me a mim, António Sérgio, (sic!) um trecho seja de quem quer que seja—contra a lógica do juízo de predicção? (sic! sic!) Muitíssimo antes de aparecer no mundo o folheto do Carnap (sic!) que o amigo me cita, tinha eu deixado por vários escritos—aquí e além—ideias da mesma índole acerca do juízo de predicção; e se quiser ler um trecho de exposição critica acerca do juízo de predicção, de tese idêntica à de Carnap, mas (permita-me a validade) bem mais directo e bem mais claro do que aquele de Carnap—queira ler as páginas da nota final do 3.º volume dos meus Ensaíes (2.ª edição). Leia essa nota com olhos de ver; e, se quiser ser objectivo, creio que não deixará de concordar com o que digo. Creia, meu prezado Amigo, que se meteu a ensinar o Padre-Nosso ao Vigário. Se fôsse com o Carnap que eu estivesse falando, as coisas corriam infinitamente melhor; e, neste ponto, pelo menos, não chegaria a haver discussão entre nós».

Tem o sr. Sérgio infinita razão. Com efeito, na nota referida encontra-se o seguinte texto e tese:

«A lógica de Aristóteles, como dissemos, só conhece o juízo de atribuição, que confere um atributo a um sujeito,—como por exemplo «a neve é branca» ou ainda «a gaivota é voadora» (forma rigorosa, segundo tal lógica, que devemos dar ao juízo de que «a gaivota voa»); porém, os juízos científicos por excelência são os juízos de relação—por exemplo: «a cidade de Lisboa é maior do que o Porto»; «Passos Manuel era irmão de José; sen (a + b) = sen a cos b + sen b cos a». Reduz a lógica antiga, como todos sabem, estes juízos de relação àquele mesmo esquema do atributivo, afirmando, por exemplo, que o juízo «Lisboa é maior do que o Porto» deverá ser interpretado deste modo: ao sujeito Lisboa compete o atributo «maior do que o Porto». Simplesmente, este atributo: maior-do-que-o-Porto constitui um bloco indecomponível do qual não podemos separar o-Porto: e eis-nos impossibilitados, neste caso, de passar analiticamente à proposição conversas: «o Porto é menor do que Lisboa».

Também o irmão—José, considerado, etc. etc...».

Este trecho, datado de 1937, foi copiado, «mutatis mutandis», de um artigo de Rudolf Carnap publicado no Erkenntnis em 1929 (1.º fascículo).

Eis o trecho de Carnap:

«Na antiga lógica, a única forma dos enunciados (juízos) era a forma predicativa: «Sócrates é um homem», «todos (ou alguns) gregos são homens». Liga-se assim a um conceito de sujeito um conceito de predicado, uma propriedade. Já Leibnitz afirmava que a

lógica deve estudar igualmente enunciados com a forma de relação. Um enunciado deste género, por exemplo: «A é maior do que B», atribui um estado de relação a dois ou muitos objectos (podemos dizer, a muitos conceitos de sujeito). Foi preciso esperar pela nova lógica para dar satisfação ao desejo de Leibnitz. A antiga lógica compreendia igualmente os enunciados de relação como enunciados de forma predicativa. Mas então muitas deduções entre enunciados de relação tornavam-se impossíveis, ainda que impondo-se à prática científica. Por exemplo, o enunciado «A é maior que B» pode ser interpretado como segue: ao sujeito A é atribuído o predicado «maior do que B». Mas este predicado forma então um bloco: nenhuma regra de dedução permite destacar dele B. Do que resulta que se não pode passar analiticamente da proposição indicada à proposição «B é mais pequeno do que A», o que se consegue na nova lógica da maneira seguinte. A relação «mais pequena» é definida como «conversa» da relação «maior». A conclusão acima referida repousa então sobre o teorema geral: quando uma relação existe entre X e Y, a sua conversa existe entre Y e X. Um outro exemplo de enunciado que se não demonstrava na antiga lógica: «se há um vencedor, há um vencido», é, na nova lógica, a consequência do teorema lógico: se uma relação tem um antecedente tem também um consequente».

Bem razão tinha o sr. Sérgio em dizer que se a questão fôsse com Carnap não haveria discussão!

O mais curioso porém é que Rudolf Carnap, neste trecho, e em todo o capítulo a que ele pertence, não nos dá doutrina original, mas apenas se limita a resumir a doutrina da lógica das Relações a qual data de De Morgan (1858) e de Pierce (1870), e que tem portanto perto de 80 anos de existência!

Desta forma o impossível e inacreditável sr. Sérgio—Ele, António Sérgio, a quem seria estrambótico indicar um texto seja de quem for sobre o assunto—vem-nos apresentar em 1937, como sendo sua, uma doutrina que tem perto de 80 anos de existência, copiando-a para isso, directa ou indirectamente, de um texto de Carnap, publicado em 1929, desse Carnap relativamente ao qual ele se declara muito mais anterior, directo e claro!

Absolutamente único!

Notemos ainda que a doutrina da lógica das Relações é hoje clássica, vem em qualquer banal manual de filosofia ou lógica, e é conhecida de qualquer aluno destas disciplinas, um desses alunos de instrução secundária relativamente ao qual, Ele—António Sérgio—Escritor de Ideias—se julga um Semi-Deus!

Como documento da demonstração ao mesmo tempo da inépcia, ignorância, inconsciência, pedantismo, suficiência, estupidez, cabotinismo, incompetência, vacuidade mental, vaidade pueril, jacância, etc., etc., este caso é completo. Define integralmente um homem, seus processos, sua moral e sua mentalidade. Impossível mais completa revelação de um «Bluff». Impossível atingir maior grotêsco. Porque, exactamente no momento em que o sr. Sérgio se põe, ele—próprio, acima de tudo e de todos, enterra-se nesta chuchadeira sem classifi-

(Continua na página treze)